

História:

Espaço Fecundo para Diálogos 3



Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscarro
(Organizadores)

História:

Espaço Fecundo para Diálogos 3



Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscarro
(Organizadores)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

H673 História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos 3 /
 Organizadores Antonio Gasparetto Júnior, Ana Paula Dutra
 Bôscaro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81740-02-3

DOI 10.22533/at.ed.023201102

1. História – Filosofia. 2. História - Historiografia. 3. Historiadores.
 I. Gasparetto Júnior, Antonio. II. Bôscaro, Ana Paula Dutra.

CDD 907.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro *História: espaço fecundo para diálogos* oportuniza a discussão científica ao entorno da história do Brasil por intermédio de trabalhos diversos que compõem seus capítulos. Fruto de pesquisas recentes, seu principal objetivo consiste em divulgar novas perspectivas acerca de diferentes momentos históricos que marcaram a formação e o desenvolvimento da história do nosso país.

O período cronológico coberto no livro abrange praticamente toda a história do Brasil, desde o período colonial até finais do século XX. Os autores aqui reunidos apresentam trajetórias acadêmicas e perspectivas analíticas distintas, configurando, como o próprio título da obra sugere, um espaço fecundo para diálogos. Seus textos, entretanto, têm em comum a característica de serem resultados de pesquisas históricas originais, pautados em fontes documentais inéditas e/ou pouco exploradas.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos em seus mais variados aspectos, políticos, econômicos, sociais e culturais. Os fatos históricos explorados, a despeito das diferenças temporais que os cercam, dialogam e se completam. Daí a importância de um livro composto por obras que versam sobre diferentes contextos, cujos construtores dos períodos abordados foram também dispare: grupos indígenas, comerciantes, mulheres, políticos, militares, etc.

Na primeira parte da obra estão reunidas análises históricas que dissertam sobre o período colonial e imperial brasileiros. Na segunda parte, trabalhos que abordam da Primeira República a acontecimentos iniciais que marcaram o século XX. Na terceira e última parte do livro reunimos diferentes análises históricas referentes aos noventa, trabalhos que aludem desde o período ditatorial aos novos métodos da História Oral.

Em síntese, a obra apresenta o estudo da sociedade brasileira através de múltiplas perspectivas, o que nos leva a constatar que a História se faz, cada vez mais, através de um exercício democrático e de cidadania, constituindo-se como palco profícuo para novos debates e aprendizado. A todos, o desejo de uma excelente leitura!

Ana Paula Dutra Bôscaro
Antonio Gasparetto Júnior

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FORMAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO ESCRAVISMO INDÍGENA PAULISTA NA DEFINIÇÃO DO SISTEMA DA ADMINISTRAÇÃO. (SÉCULO XVII)	
Antonio Martins Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.0232011021	
CAPÍTULO 2	14
PIRATAS E CORSÁRIOS NO BRASIL: O CASO DE 14 DE FEVEREIRO DE 1630	
Valéria Silva Melo de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0232011022	
CAPÍTULO 3	31
CACAU, CRAVO E AS “DROGAS DO SERTÃO”: O GOVERNADOR FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO E A CRIAÇÃO DA COMPANHIA GERAL DO GRÃO-PARÁ E MARANHÃO	
Frederik Luiz de Andrade de Matos Osimar da Silva Barros	
DOI 10.22533/at.ed.0232011023	
CAPÍTULO 4	46
ESCRITAS DE SI: A ARTE DA EXISTÊNCIA GRAFADA EM AUTOBIOGRAFIAS, DIÁRIOS PESSOAIS E RELATOS DE VIAGENS FEMININOS	
Maria Ester de Siqueira Rosin Sartori	
DOI 10.22533/at.ed.0232011024	
CAPÍTULO 5	60
CONSELHO GERAL DE PROVÍNCIA: PERCALÇOS E TENSÕES NA INSTALAÇÃO DE NOVAS INSTITUIÇÕES POLÍTICAS NA PROVÍNCIA DA BAHIA (1828-1830)	
Nora de Cassia Gomes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0232011025	
CAPÍTULO 6	71
“SUCCINTAS OBSERVAÇÕES SOBRE O ESTADO DESTA PARTE DO VASTO IMPERIO DO BRAZIL”: A PROVÍNCIA DO AMAZONAS SEGUNDO TENREIRO ARANHA, 1852	
Paulo de Oliveira Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.0232011026	
CAPÍTULO 7	84
A GUERRA DO PARAGUAI NO PIAUÍ: A BATALHA PELAS VONTADES ENTRE POLÍTICOS E JORNAIS	
Elton Larry Valerio	
DOI 10.22533/at.ed.0232011027	

CAPÍTULO 8	99
A SOCIEDADE AGRÍCOLA PARAENSE E OS OFÍCIOS DE CONSELHEIRA PROVINCIAL E PROPAGADORA DA CIÊNCIA AGRONÔMICA NO SÉCULO XIX	
Francivaldo Alves Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.0232011028	
CAPÍTULO 9	114
ENGENHARIA E POLÍTICA: OS DEBATES FERROVIÁRIOS NO CLUBE DE ENGENHARIA E A ORGANIZAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL DO RIO DE JANEIRO (1880 - 1900)	
Fernanda Barbosa dos Reis Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.0232011029	
CAPÍTULO 10	127
A MÚSICA NOS NAVIOS E QUARTÉIS DA ARMADA BRASILEIRA ENTRE AS DÉCADAS DE 1850 E 1900	
Anderson de Rieti Santa Clara dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.02320110210	
CAPÍTULO 11	138
JORNAL CORREIO DE SÃO FÉLIX: ENTRE FATOS E NARRATIVAS DE UMA CIDADE	
José Alberto Nascimento de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.02320110211	
CAPÍTULO 12	148
“PEQUENOS EXÉRCITOS ESTADUAIS” NA PRIMEIRA REPÚBLICA: O CASO DA FORÇA PÚBLICA DE PERNAMBUCO NA HISTORIOGRAFIA	
Sandoval José dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.02320110212	
CAPÍTULO 13	161
CUIDANDO DO “FUTURO DO BRASIL”: O ATENDIMENTO MATERNO-INFANTIL NOS ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE PÚBLICA NO PIAUÍ (1889-1929)	
Joseanne Zingleara Soares Marinho	
DOI 10.22533/at.ed.02320110213	
CAPÍTULO 14	174
O ESTADO DE EXCEÇÃO COMO REGRA NO GOVERNO DE ARTHUR BERNARDES (1922-1926)	
Antonio Gasparetto Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.02320110214	
CAPÍTULO 15	185
A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE JOSÉ FRAGELLI (1947-1987)	
Vinicius de Carvalho Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.02320110215	

CAPÍTULO 16	195
OS CRONISTAS E SUA MUSA: RESSIGNIFICAÇÕES DO RIO DE JANEIRO DIANTE DA MUDANÇA DA CAPITAL	
Larissa Leal Neves	
DOI 10.22533/at.ed.02320110216	
CAPÍTULO 17	210
A JUVENTUDE OPERÁRIA CATÓLICA E OS GRUPOS REVOLUCIONÁRIOS EM VOLTA REDONDA (1962 -1971)	
Márcio Goulart Coutinho	
DOI 10.22533/at.ed.02320110217	
CAPÍTULO 18	224
A MAÇONARIA E A DITADURA CIVIL-MILITAR ENTRE O NACIONAL E O LOCAL: MEMÓRIAS MAÇÔNICAS EM TEMPOS DE CHUMBO	
Helton Anderson Xavier de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.02320110218	
CAPÍTULO 19	238
REGADIO NOS TEMPOS DE DITADURA: RELAÇÕES ENTRE ESTADO, CAPITAL NACIONAL E INTERNACIONAL (1964-1971)	
Mário Martins Viana Júnior	
Alfredo Ricardo da Silva Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.02320110219	
CAPÍTULO 20	252
ON DIRAIT JEQUIÉ: ESTRATÉGIAS NACIONAIS E REGIONAIS EM PAULO EMÍLIO SALLES GOMES	
Victor Santos Vigneron de La Jousselandière	
DOI 10.22533/at.ed.02320110220	
CAPÍTULO 21	267
MULHERES E DITADURA: A TRAJETÓRIA DE ISABEL TAVARES DA CUNHA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A DEMOCRACIA, FEMINISMO E OS DIREITOS HUMANOS NO PARÁ	
Rosinda da Silva Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.02320110221	
CAPÍTULO 22	281
XIFÓPAGAS - CORPO DE MULHER, CABEÇAS DE DITADURAS: GÊNERO E EROTISMO NOS CINEMAS BRASILEIRO E ARGENTINO (ANOS 70)	
Katharine Nataly Trajano Santos	
DOI 10.22533/at.ed.02320110222	
CAPÍTULO 23	295
MOVIMENTO “TERRAS DE NINGUÉM”: CONFLITOS E A LUTA PELA POSSE DE TERRA URBANA - CASA AMARELA, RECIFE – PE	
Sebastião Alves da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.02320110223	

CAPÍTULO 24	308
A MEMÓRIA SOCIAL DOS MORADORES DE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA-RJ E SUAS ÁGUAS MEDICINAIS	
<i>Mariana Arruda Muniz</i>	
DOI 10.22533/at.ed.02320110224	
SOBRE OS ORGANIZADORES.....	325
ÍNDICE REMISSIVO	326

ESCRITAS DE SI: A ARTE DA EXISTÊNCIA GRAFADA EM AUTOBIOGRAFIAS, DIÁRIOS PESSOAIS E RELATOS DE VIAGENS FEMININOS

Data de aceite: 28/01/2020

Maria Ester de Siqueira Rosin Sartori

Doutora em História Cultural

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

estersar@hotmail.com

CV Lattes <http://lattes.cnpq.br/4010551709068068>

ORCID ID <https://orcid.org/0000-0003-3721-4080>

RESUMO: Este trabalho faz alusão à tese *Maria do Carmo de Mello Rego: diário de uma mulher viajantes do século XIX, a memória perpetuada na palavra escrita* (UNICAMP, 2018) e amplia a perspectiva recente de que mulheres viajantes produtoras de literaturas de viagens, memórias ou diários pessoais eram inexistentes subsistindo, para muitos, no campo da descrença. Apresenta as autobiografias, os diários pessoais e relatos de viagens, produzidos por mulheres viajantes do século XIX, como significativas maneiras de escritas de si na medida que trazem para o diálogo os conflitos e as tensões vividas por mulheres que se arriscavam pela escrita ao criarem narrativas que contavam suas próprias histórias, cartografando sua existência. Mostra o quanto os relatos de viagem tornaram-se a arte da existência e do exame de consciência ao adentrarem no século XIX como uma das formas de registro pessoal e de escrita

possíveis entre mulheres viajantes quando, mesmo que clandestinamente, encerravam em suas páginas, revelações íntimas de quem os escrevia. Para tanto, apresenta fragmentos do diário autobiográfico de Maria do Carmo. Outrossim, traz para o centro do debate o papel da História Cultural para a análise dos gêneros denominados literaturas de viagens apontando o quanto são eles reveladores de aspectos do cotidiano de quem os escreve capazes de ampliar a percepção de muitos outros cotidianos, a partir do momento que promovem a proximidade entre a História, a memória e produção de discursos.

PALAVRAS-CHAVE: literatura de viagens, mulheres viajantes, escritas de si

WRITING ITSELF: THE ART OF EXISTENCE SPELLED IN AUTOBIOGRAPHIES, PERSONAL JOURNAL AND FEMALE TRAVEL REPORTING

ABSTRACT: This work alludes to the thesis *Maria do Carmo de Mello Rego: diary of a woman travelers of the nineteenth century, the memory perpetuated in the written word* (UNICAMP, 2018) and expands the recent perspective that women travelers produce travel literature, memories or personal journals were non-existent subsisting, for many, in the

field of disbelief. It presents autobiographies, personal journals, and travel accounts produced by nineteenth-century traveling women as significant ways of self-writing as they bring to the dialogue the conflicts and tensions experienced by women who ventured into writing by creating narratives who told their own stories, mapping their existence. It shows how much travel accounts have become the art of existence and the examination of conscience as they entered the nineteenth century as one of the forms of personal registration and writing possible among traveling women when, even clandestinely, they enclosed in their pages, intimate revelations of who wrote them. For that, it presents fragments of the autobiographical journals of Maria do Carmo. It also brings to the center of the debate the role of Cultural History for the analysis of genres called travel literatures, pointing out how much they are revealing aspects of the daily life of those who write them, able to broaden the perception of many other everyday life, from the moment which promote the proximity between history, memory, and discourse production.

KEYWORDS: travel literature, women travelers, writings of themselves

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo faz alusão à tese *Maria do Carmo de Mello Rego: diário de uma mulher viajantes do século XIX, a memória perpetuada na palavra escrita* (UNICAMP, 2018)¹ e amplia a perspectiva recente de que mulheres viajantes produtoras de literaturas de viagens, memórias ou diários pessoais eram inexistentes subsistindo, para muitos, no campo da descrença. Sendo assim, mostra que os diários pessoais e livros de memórias que, a partir do século XVIII tornaram-se a arte da existência e do exame de consciência, adentraram o século XIX como uma das formas de registro pessoal e de escrita de si possíveis no momento em que encerravam em suas páginas, revelações íntimas, reflexões cotidianas e os desejos proibidos de quem os escrevia. Seus conteúdos permeavam o campo de auto elaboração das ações e dos laços que as pessoas estabeleciam com o outro e consigo mesmo e traziam momentos reveladores e sentimentais reproduzidos em folhas de papel cuja pena parecia ter a tinta da verdade. O sujeito escritor, dessa forma, fazia do seu diário um espaço confessional das coisas que nem sempre eram ditas para muitas pessoas e esses escritos, por vezes sigilosos, encerravam em si segredos, ao mesmo tempo que, guardavam as coisas que não se queria esquecer, uma narrativa memorialística que se assumiu como dispositivo de confissão quase que obrigatória.

Dada a sua especificidade, esses tipos de construções narrativas, enfáticos em sutilezas cotidianas e escritos de forma emotiva, assumiram-se como gênero literário significativo e, aos poucos, como uma espécie de prática social, trazendo

1 SARTORI, M.E.S.R. *Maria do Carmo de Mello Rego: diário de uma mulher viajantes do século XIX, a memória perpetuada na palavra escrita*. 2018. Tese (Doutorado em História Cultural), Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo.

a ideia de reconciliação do indivíduo consigo mesmo. Um cuidado de si, que em certos momentos buscava na autorreflexão, o espelho para observar a própria vida, um refúgio e um conforto íntimo sem, ao mesmo tempo, deixar de esconder em suas linhas as fragilidade e fraturas como possibilidade de reconhecimento de si.

Nesse sentido, seguimos os passos de Lilian de Lacerda (2003), Miriam Lifchitz M. Leite (2000) e Stella Maris S. Franco (2009) na medida em que elas oferecem pistas contundentes para problematizar e esmiuçar questões diversas em relação à relevância dos relatos de viagens, diários pessoais e livros de memórias produzidos por mulheres novecentistas pode-se perceber que, apesar de silenciadas pela historiografia tradicional, mulheres viajantes deixaram registradas suas experiências em relatos pessoais íntimos e significativos que, por guardarem algumas semelhanças, podem ser considerados gêneros literários. Ao mesmo tempo, são escritos que revelam enredos bem diferentes e no contexto das mulheres viajantes escritoras e nos fazem perceber que as mulheres, ao contarem as histórias de vida, reivindicam suas falas, tantas vezes subjugadas e, sobretudo, constroem identidades próprias, mas que não são fixas.

Grande parte das escritoras diaristas buscaram distanciamento dos discursos das ideias para submeter a individualidade à palavra versada, com escritas construídas e centradas na “narrativa do eu” e os escritores, em suas subjetividades, tornaram-se produtores do discurso íntimo e pessoal, assumindo outra forma de figuração, dobrados em si, na introspecção. Esse tipo de escrita, com o passar do tempo, realizou-se na leitura, na apropriação que outros farão dos textos eternizados e que, com apoio da imprensa, tiveram o privilégio de se tornarem materiais impressos, democratizando o acesso ao conhecimento e formando, neste caso, uma representação da “função leitor”. (CHARTIER, R., 1998, p.79)

Ainda que os gêneros literários, memorialísticos e autobiográficos tenham sido passíveis de críticas por serem realizados em sua maioria ou por pessoas *comuns*, ou porque retratavam a vida cotidiana de pessoas comuns, e tenham sido considerados como uma espécie de “literatura menor”, ou mesmo “*escritas ordinárias*”, como aponta Daniel Fabre (1993), para Perrot (2012), na conjuntura atual, são os relatos das pessoas comuns que, no intuito de preservar a memória, transformaram os papéis em relíquias por meio de seus diários pessoais ou relatos de vida. Ao comparar os diários pessoais e os diários de viajantes no início do século XVIII e os da primeira metade do XIX, Maria Tereza Cunha (CUNHA, T.C. in: PINSKY C.B., LUCA T.R (Orgs), 2012) destaca uma diferença importante entre eles, asseverando que os diários de viajantes do século XVIII não guardavam o mesmo caráter de intimidade dos diários pessoais da segunda metade do século XIX, já que, eram escritos para o público em geral e divulgados, com mais intensidade, em reuniões de instituições científicas. O diário pessoal, então, se estabeleceu por excelência como gênero

literário na segunda metade do século XIX quando conseguiu afirmar-se na esfera privada ou pública, pois

[...] no início do século XIX, na época em que a linguagem se entranhava na sua espessura de objeto e se deixava, de parte a parte, atravessar por um saber, reconstituía-se ela alhures, sob uma forma independente, de difícil acesso, dobrada sobre o enigma de seu nascimento e inteiramente referida ao ato puro de escrever. (FOUCAULT, M., 2000, p.325)

Tal escrita funcionava como uma forma de seleção entre o que foi lido, visto e experienciado, trata-se do momento do retorno a si para elaboração do que lhe afetou, portanto, manter um diário requer um exercício profundo de reflexão. É ele a interiorização depositada em um papel que expõe, não sem intenções, o interior, o sensível e o imprevisível, “[...] o arquivamento do eu muitas vezes tem a função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte” (ARTIÈRES, P., 1998, p.32), derivando disso a possibilidade ou a conveniência de ficcioná-la. Então, como advertiu Michelle Perrot:

As correspondências familiares e a literatura ‘pessoal’ (diários íntimos, autobiografias, memórias), embora sejam testemunhos insubstituíveis, nem por isso constituem os documentos ‘verdadeiros’ do privado. Eles obedecem a regras de boas maneiras e de apresentação de uma imagem pessoal que regem a natureza de sua comunicação e o estatuto de sua ficção (PERROT, M., 2012, p.10)

Mulheres ávidas pela escrita suprimam, graças aos diários pessoais e memórias, o desejo de escrever, de construir uma história própria, algumas, por sorte, até tiveram suas escrituras publicadas pelos familiares após a morte. Em contrapartida, Corbin (CORBIN, In: PERROT (Org.), 2012, p.39) defende que os diários eram, em muitos casos, inimigos da vida conjugal e familiar, explica-se dessa forma o controle em relação a esse hábito. Assim, Corbin (2012, p.430) ao se referir aos escritos de Eugénie de Guérin, aponta que ela ocultava “até de seu adorado pai o caderno que ela preenche à noite, em seu quartinho, enquanto contempla as estrelas”. Cunha, (2012, p.252) em texto intitulado *Diários pessoais, territórios abertos para a História*, enfatiza o aumento de estudos feitos a partir de diários pessoais, bem como o destaque oferecido, tanto no campo da História quanto da Literatura, aos trabalhos baseados em documentos escritos na forma de relatos e experiências de vida, diários pessoais, diário de viagens, autobiografias e testemunhos pessoais. Sobre isto, a autora pondera que escritos memorialísticos e diarísticos fixam-se no tempo e tendem, não só a salvar do esquecimento vestígios do passado, como também a construir o passado na medida em que funcionam como ferramenta de uso social para a produção de memória.

No que se refere ao valor histórico atribuído a essas fontes – romances, diários

personais, autobiografias e memórias – e o interesse dedicado pela historiografia por esse tipo de material, no limite podemos apresentar muitos romances os quais trazem a ideia de que todas as pessoas são, fundamentalmente, semelhantes em seus sentimentos e afecções. Se a leitura de romances pode alimentar um senso de igualdade e empatia pelo envolvimento que sugerem em suas narrativas (HUNT, L. 2009, p.38) “muitos indícios, porém, levam a pensar que o diário íntimo é contraponto de muitas vidas privadas” (CORBIN, A. In: PERROT, M., 2012, p.430). Destiná-los ao domínio e monopólio dos especialistas em literatura suprime do historiador a possibilidade do contato com essas fontes escritas, que guardam em si aquilo que permaneceu submerso, mas que pode vir à tona no calor das relações interpessoais e da interação social, mediante os efeitos psicológicos e o modo como eles revelam o cotidiano. Os diários, então, surgem como documentos gatilho das lembranças acionadas no presente, e que remetem às experiências do passado por meio dos sentidos, das imagens e das ideias.

No entanto, por mais nítidas que as lembranças se revelem, ainda assim, não são elas as mesmas experimentadas no passado, são construções alteradas pela relação que se tem com o presente, reforçando a ideia de que a memória individual está entrelaçada à memória coletiva de cada sociedade (HALBWACHS, M., 1990, p. 54) e protegida do esquecimento quando fixada no tempo. Ela desloca-se entre a imagem e o refazer, entre a ideia e o repensar no conjunto de representações que se tem no presente, mas não consegue reviver o que se foi. Isso ocorre porque, na tentativa de evocar o passado, duas forças têm que estar uníssonas, tanto as lembranças pessoais que pertencem ao indivíduo e quanto aquelas que povoam os membros do grupo ao qual o indivíduo pertence. São, portanto, como coloca Halbwachs (HALBWACHS, M., 1990, p. 54), duas memórias que se suportam: uma interior e outra exterior. E foi estudando mulheres viajantes, que chegamos aos relatos de viagem e ao diário autobiográfico de Maria do Carmo de Mello Rego, personagem desta tese. Para a análise desses documentos, tomamos como referência textos que abordam temas relacionados às narrativas de viagens, à história das mulheres e à literatura feminina. Dessa forma, centralizamos a discussão no papel dos diários pessoais autobiográficos e dos livros de memórias como instrumentos para a compreensão da história, mas também na exposição das tensões que envolveram a vida dessa personagem, que se constituiu atravessada pelos discursos científico, médico, filosófico da época, mas que ao mesmo tempo se debate com eles.

2 | MEMÓRIAS DE MARIA DO CARMO DE MELLO REGO

Falar das mulheres e de seus papéis no século XIX é mais do que propor um olhar empático em relação às naturalizações caricaturadas e conformadas,

fabricadas e incorporadas do feminino no período. É, antes de tudo, resistir ao padrão patriarcal de dominação que legitimou, ao longo de séculos, situações variadas e similares de opressão, que consolidaram um “[...] fenômeno histórico em que metade da humanidade se viu milenarmente excluída, nas diferentes sociedades, no decorrer do tempo” (TELLES, M. A., 1999. p.9). É mostrar que apesar de silenciadas elas conseguiram se estabelecer em campos que, majoritariamente, pertenciam aos homens, devassando-os e trazendo para o centro das conversas mulheres que assumiram formas diferentes de viver e de conviver com o mundo masculino, fazendo de suas vidas um enredo cujas protagonistas eram elas mesmas. Com isso, tem-se a existência de fontes que apontam para a ação efetiva e participativa de mulheres em situações diferentes das esperadas pela sociedade patriarcal brasileira no século XIX (seja no mar, nas fazendas ou atuando em estudos científicos). Assim foi com Maria do Carmo de Mello Rego, mulher viajante e escritora do século XIX.

Pouco se sabe sobre a história da vida de Maria do Carmo antes da sua mudança para o Brasil. Ao que tudo indica, ela nasceu em 1840 na Estância de Lencho, no Uruguai. Viúva do Tenente Manuel Amaro Barbosa de Alencastro, Maria do Carmo, aos 24 anos, casou-se com o general Francisco Raphael de Mello Rego, em 18 de outubro de 1860, no Jaguarão, Rio Grande do Sul. Após o casamento, viveu no Rio de Janeiro com Francisco Raphael até o momento em que ele foi nomeado presidente da província do Mato Grosso, em 16 de novembro de 1887. Depois disso, o casal mudou-se para Cuiabá e José Raphael exerceu o cargo de presidência da província até 6 de fevereiro de 1889. Ao final do mandato, a família retornou para o Rio de Janeiro e levou consigo o filho adotivo, uma criança indígena da comunidade Bororo chamado *Piududo*. Na capital, a criança foi batizada com o nome cristão de Guido. Maria do Carmo faleceu no Rio de Janeiro e não sabemos, ao certo, em que data. Ela não escreveu romances, ela romanceou seus escritos. Escreveu memórias e as organizou em uma espécie de diário autobiográfico confessional, um relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, pondo ênfase na vida individual e, em particular, na história de sua personalidade (LEJEUNE, P. 1994, p.50), em consonância com algo, no caso dela, em consonância com a vida do filho adotivo.

Apesar de seus escritos inserirem-se em um dos gêneros que compõe a prosa memorialística, cuja origem encontra-se nos movimentos românticos do século XIX, sua narrativa incorporou não só as lembranças territoriais, mas as suas impressões em relação aos movimentos da sociedade mato-grossense, sempre mescladas com os conflitos sociais e a exuberância territorial a qual passou a pertencer após casar-se com Francisco Raphael. Mato Grosso, pela distância e pela maneira como se constituiu territorial e socialmente possuía singularidades que nem sempre eram compreendidas pelo restante das regiões brasileiras, a começar pela

própria mistura racial que constituía a região, na medida em que preponderavam índios, negros e estrangeiros. A mistura racial, em muitos escritos de estrangeiros, associava-se à *pouca afeição aos hábitos bons* e era propensa aos *desequilíbrios morais e educacionais* característicos. Galetti aponta que essas representações se potencializavam no Mato Grosso e que eram atribuídas ao isolamento a que a região foi submetida após a retração da atividade mineradora (GALETTI, 2012.)

Notam-se ali – na verdade - não pouco defeitos de educação, mais inveterados talvez do que em outras zonas do Brasil – onde os há também. Costumes bons ou maus, como em toda a parte, mas sem nada de extraordinário, que deva aguçar a severidade da crítica (REGO, M.C. 1897, p.31).

Mikhail Bakhtin (2011), filósofo e pesquisador da linguagem humana, em *Estética da criação verbal*, mostrou que o autor criador ajuda a compreender o autor pessoa, na medida em que ele responde a sentimentos que não são passivos e que se relacionam, arquitetonicamente, de forma estável e comprometida com o todo do autor personagem. Sendo assim, a história de Maria do Carmo pode ser inserida nesse contexto, já que ela participa de um processo em que “[...] o autor cria, mas vê sua criação apenas no objeto que ele *enforma*, isto é, vê dessa criação apenas o produto em formação e não o processo interno psicologicamente determinado” (BAKHTIN, 2011) quando escreve sobre o filho. Sua produção literária volta os olhos para o Sertão no intuito de revelar o Brasil interiorano ao brasileiro, com forte apelo regionalista, e traz para o centro dos seus escritos os princípios da sociedade rural, seus comportamentos e valores que, em vários aspectos, mostravam-se bem distintos dos da sociedade cortês no intuito de trazer para o discurso a existência do filho índio adotivo.

Ao mesmo tempo, a descrição romântica dos espaços e dos costumes, revelou todo o confronto travado entre os tipos diversos de pessoas que passaram a conviver nesses espaços, dessa forma, ao expor as diferenças a autora conseguiu delimitar bem quem pertencia a qual mundo: rural ou urbano. Sem deixar de mostrar que mulheres bonitas e ainda moças conseguiam administrar e inspecionar suas casas e fazendas com encantadora solicitude: “No engenho, que é importante fazenda de criar, fazia as honras da casa a todos com a maior gentileza e naturalidade” (REGO, M.C. 1897, p.35). Outra característica sobressalente nos escritos de Maria do Carmo é o insistente otimismo nacionalista e a nítida preocupação em trazer os valores históricos culturais tanto das comunidades sertanejas, quanto das indígenas e da sociedade urbana do Mato Grosso para dentro das suas narrativas.

Vesti-me apressadamente, abri uma janela da sacada, e vi duas bandas militares em baixo a saudarem com a mais eletrizante das músicas o raiar daquele grande dia, tão grato ao Brasil e tão justamente festejado outrora...o nosso Hino Nacional, naquelas alturas! (REGO, M.C. 1897, p.35.)

O cotidiano, as manifestações culturais, as famílias aristocráticas e seus costumes são descritos como exuberantes e repletos de belezas naturais. São aspectos descritos poeticamente, ao mesmo tempo em que ela sinaliza os conflitos advindos das disputas territoriais e pelo projeto de modernização. “É indescritível a paixão que em Cuiabá há pela dança. Longas distâncias são vencidas, para se ir a um baile, nome dado a qualquer reunião dançante, por mais simples que seja” (REGO, M.C. 1897, p.35). Ao mesmo tempo, a cidade estava habitada por pessoas marginalizadas, cuja existência ainda se revelava em construção permeada por conflitos interétnicos, responsáveis por alterações não só no campo identitário das comunidades existentes no território, mas também no âmbito espacial. Esse tema é recorrente em suas lembranças. São várias vezes citados os grupos negros forros em suas misérias e descaso e indígenas que deixaram seus aldeamentos a fim de preservar seus membros diante dos ataques dos bandeirantes, considerados por ela implacáveis em suas ações dominadoras. Fala da magreza dos negros mineradores que nada mais conseguem do que poucas faíscas mesmo amanhecendo ao redor dos riachos, da quantidade de indígenas mortos acometidos pela varíola fazendo com que “os que restam, vivam de permutas e do negócio com peles de onça” (REGO, M.C. 1897, p.35.).

Ao escrever sobre suas vivências e experiências, Maria do Carmo permitiu ao leitor compartilhar de sua história ou a história de sua dor, como ela mesma afirma, mediante um tipo básico de padrão dominante de valores. Tal retrato cabe perfeitamente na criativa abordagem cultural da história, já que a abrangente e recente influência da crítica literária tem ensinado aos historiadores a importância de reconhecer o papel ativo da linguagem dos textos e das estruturas narrativas na projeção de realidades históricas (HUNT, L. 2009).

Capturada pelas tendências românticas, Maria do Carmo evidencia em sua escrita aquilo que ela considera como valores familiares, o apego às coisas comuns e o amor à vida, mesmo quando ela os traduz no contexto da infelicidade ou da perda, e traz à luz a história de uma mulher que encontrou na escrita uma forma de permanência, mediante seu olhar, sempre prolongada na história de vida das pessoas amadas. Em seus relatos, a escritora desvela sua identidade e consagra sua existência e a existência da criança que ela toma como filho. Uma escrita híbrida que tende ora à autobiografia, ora às memórias que foram registradas, quase que em um mesmo instante, de forma pessoal e enviadas por cartas a alguém que compartilha de seus sentimentos, seu amigo Visconde de Taunay.

Um relato que pretende não só registrar os momentos vividos, mas à vontade de confessar ou mesmo justificar suas ações e atitudes. Narrativa que se constrói com as “coisas” que ela gostaria que ficassem guardadas e, por outro lado, é seletiva, na

medida em que escolhe as vivências e os sentimentos que podem ser divididos com o leitor. Ela pretende a confissão não só para trazer o próprio mecanismo da relação entre poder, direito e verdade, mas a intensidade da relação e sua constância, digamos isto: somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar, temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou encontrá-la (FOUCAULT, M., 1999, p.29).

As páginas de seu diário e de suas lembranças permitem a materialização de suas memórias e são representações, “puxadas pela memória”, cujos significados mostram-se impressos em folhas de papel e cuja linguagem gravada no corpo complexo da instituição social (BURKE, P. 1995, p.11), permitem desvelar parte da cultura, dos saberes, dos sentidos oferecidos à vida cotidiana, aos valores e às experiências dessa memorialista. Sua existência aparece entrelaçada à vida do menino índio adotivo, e quando ela se aventurou por terras mato-grossenses passou a relatar sua vida e suas experiências como forma de perpetuar a existência do filho índio adotivo: “[...] não posso nem se quer esboçar a vida de meu filho, porém sim falar dele aos outros em caracteres de imprensa, como que tentar firmar o seu nome de um modo que resista ao tempo”. (REGO, M.C., 1895. p.23)

Ao refletir sobre o quanto seus escritos trazem elementos que lançam luz sobre questões fundamentais que ampliam a sutileza historiográfica, voltamo-nos ao momento em que ela tece o que se pensava em relação às questões raciais no século XIX, em relação ao papel (ou os papéis) das mulheres na sociedade e aos movimentos e conflitos políticos, sociais e culturais, em relação à dominação europeia e, sobretudo, em relação às comunidades indígenas, a ocupação das terras coloniais, o cotidiano e as convivências etnoculturais. “Confrange-se-nos o coração considerar aqueles poços e buracões... Tanto suor de milhares de desgraçados escravos neles caiu! Quanta gota de sangue!”. (REGO, M.C., 1895. p.23).

Nota-se, então, que seus escritos desvelam uma mulher ambígua em um viver fronteiro, contingencial, que a desloca da sua posição, do seu lugar social e de seu “naturalizado” papel de esposa quando ela viajou, pesquisou e assumiu a infertilidade e, ao mesmo tempo, mostram que ao encarar a realidade vivida com o filho adotivo e seu desfecho ela não se afastou completamente dos princípios civilizatórios impostos pela sociedade nuclear aristocrática em relação à educação de *Piududo*. Ela, de fato, procurou o caminho da adoção e ao educar a criança optou pelo modelo civilizatório proposto pelas empresas evangelizadoras, mantendo como processo educativo à ação catequético-educativa ensinando-o a convivência familiar pela oração. “Tenho por costume ou devoção assentar-me, todos os dias e por alguns momentos, em frente aos retratos de meus pais falecidos há muitos anos e ele sempre me acompanhava no cumprimento desse piedoso e filial dever”. (REGO, M.C., 1895. p.23).

Por outro lado, essas considerações nos permitem várias reflexões em relação aos diários autobiográficos e aos livros de memórias. Mesmo que a abundância de detalhes nos conduza a crer na veracidade de cada momento descrito pela autora, o distanciamento e o posicionamento crítico do nosso ofício de historiador deve prevalecer sobre a empatia pelas emoções. Como bem aponta Teresa Malatian, “a abordagem biográfica comporta muitas ambiguidades e apresenta armadilhas conhecidas como projeções, nas relações estabelecidas entre o historiador e o sujeito estudado” (2012. p. 205). Cabe, no entanto, estabelecer procedimentos que possibilitem ao leitor olhar para o personagem sem excessiva identificação, por mais sedutor que seu passado possa se revelar. Mesmo porque, a criança perfeita, o filho das selvas de coração limpidíssimo, aos olhos da memorialista, parecia ter aceitado tudo. E Maria do Carmo, quando escreve do filho adotivo não é capaz de descrevê-lo como uma criança. Mas, como uma entidade. Porém, todos esses pensamentos de Maria do Carmo em relação à criança índia expressam as verdadeiras faces dos momentos vividos com o menino? Que perfeição é essa que Maria do Carmo apresenta do filho adotivo? Nenhum “ralhar”? Nenhuma “má criação”? Nenhuma impureza ou hábito ruim? Quem são eles, mãe branca e filho indígena, que parecem ter vivido na eterna harmonia independente da distância que existia entre eles?

Tem-se por hipótese que a adoção cumpria um protocolo oficial que serviria de exemplo aos demais moradores de Cuiabá, já que, sendo Francisco Raphael um “pacificador”, como ele mesmo propunha, caberia a sua esposa, Maria do Carmo a primeira dama de Cuiabá, garantir o bom relacionamento entre as comunidades Bororo e o poder provincial exercido por seu marido. Para isso, a imagem do menino indígena *dócil, domesticável* e onisciente deveria ser preservada, bem como sua educação e seus costumes adaptados e garantidos pelos processos civilizatórios. Se, de algum modo, as histórias da Maria do Carmo e *Piududo* constituem-se no efêmero, como um feliz encontro, foram elas também a expressão das fortes, traumáticas e violentas experiências vivenciadas pela criança que buscou mecanismos para resguardar-se, mas que furtivamente, acabaram aparecendo na escrita de Maria do Carmo. Isso evidencia-se quando Maria do Carmo escreveu que ao levar *Piududo* para a escola, no Rio de Janeiro, ele “até cobria a cabeça com o lençol para chorar, enquanto os outros meninos dormiam!”. (REGO, M.C., 1895, p. 16) Isso nos faz refletir sobre qual ideia de violência permeia o campo de entendimento de Maria do Carmo?

Se tomarmos como referência a violação dos limites físicos, morais e psicológicos para assim qualificarmos as ações consideradas violentas temos que as ações violentas se caracterizam pelos excessos, ou seja, pelos vários graus de intensidades de ações ou palavras que extrapolam os limites estabelecidos pelas sociedades, pelas leis ou os princípios de aceitação dos grupos em relação à violência. E esses

limites, ao serem extrapolados pela força, pelas palavras e pelo poder, permitem desqualificar seus autores, tornando-os a expressão do desumano. No caso de *Piududo*, as várias formas de violência praticadas por Maria do Carmo não eram entendidas por ela como violação dos direitos ou dos limites, mas sim como caridade e como atos humanitários que faziam parte, sobretudo, de um conjunto de ações comumente aplicadas e justificadas pelo discurso do amor maternal e do cuidado. Assim, para ela, seus atos não a qualificavam como desumana, “[...] ser sempre dócil nunca o contrariei, conseguindo por esse meio, não só conquistar-lhe toda a confiança, como obtendo dele o que não conseguiria pela violência ou por maneiras bruscas”. (REGO, M.C., 1895, p. 16), como se todo o processo de aculturação por que passou *Piududo*, não fosse em si a expressão máxima da violência.

Sua escrita enuncia momentos reais e romantizados justificados pela forte emoção da perda do filho índio e, ao mesmo tempo, não deixa de trazer de forma clara e combativa suas preocupações e tentativas de compreensão de si na história que constrói do outro. Sua narrativa delinea-se com aquilo a que se opunha, não era ela o ponto de partida, mas o externo e seus arranjos, o menino e suas idealizações. Assume-se como testemunha pessoal de situações objetivas, mas consciente de que, suas impressões e subjetividades, se escritas distantes de um olhar presente e participante, poderiam parecer inverossímeis ou, simplesmente, construídas na histeria de uma perda. Então, escolheu as palavras, registrou as datas, os momentos e os personagens para assim oferecer relevância aos acontecimentos narrados e permitir ao leitor participar daquilo que ela considerava realidade, um compromisso com o momento histórico vivido e seus desdobramentos. Muitos desses movimentos foram presenciados e percebidos pela autora, porém, como bem aponta Paul Ricœur em *Tempo e narrativa*, seu olhar sobre a situação era o olhar da vivente, que compreendia o momento do seu presente (RICŒUR, 2012b).

Mulher bem relacionada, dirigia seus pensamentos e sua escrita, intencionalmente, às pessoas cultas e a um destinatário específico, Visconde de Taunay, a fim de que fossem interpretados dentro de um código linguístico e moral condizente com o período. Fez das palavras a construção de sua arte literária e voltou seus olhos a indianidade, aos valores culturais mato-grossenses e aos aspectos naturais de sua terra. Escreveu mesmo quando na literatura as linhas produzidas por mulheres viajantes não eram tão conhecidas nem tampouco divulgadas ou publicadas. Sorrateiramente, ela escreveu, disputando espaço com os discursos que definiam o que estava, naturalmente, posto em relação às capacidades femininas localizadas na fragilidade produtiva e no curto alcance intelectual. A não afirmação social das mulheres se repetiria nas suas não afirmações pela palavra (TELLES, N., 2012, p.63) mas, mesmo assim, Maria do Carmo escreveu e publicou. A busca pelo perdão, pela redenção ou mesmo pela preservação da memória da criança índia,

necessidade latente no íntimo da autora, evidencia-se a partir do momento em que o contato estabelecido com as tribos indígenas Bororo em suas viagens permitiu à Maria do Carmo escrever nas

[...] páginas desse livrinho um tributo de afeto á memória de uma criança que tanto, tanto se afeiçoou e a quem tanto me devotei. Mas, o que lhe ei de dizer? Como contar todas as minudencias da existência embora tão curta daquele pequeno índio, interessantíssimas entretanto para mim, que percebi todas as impressões mais intimas daquela alma [...]. (REGO. 1895, p.30).

Ao mesmo tempo, possibilitou que ela estabelecesse certa afinidade com as comunidades indígenas, fazendo de suas viagens pelo território a possibilidade de colecionar um conjunto riquíssimo de peças e artefatos produzidos pelas tribos visitadas. [...] a curiosidade pelo povo do qual procede o pequeno Guido se expressa claramente no fato de que a parte Bororo, constituída por cerca de 240 peças, é de longe a mais completa e numerosa da coleção de objetos indígenas de Mato Grosso doado por ela ao Museu Nacional. (OLIVEIRA, 2017, p.86). Após a morte da criança, elas foram doadas ao Museu Nacional do Rio de Janeiro com uma exigência: que fossem expostos em uma sala específica cujo nome seria “Sala Guido”.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como instrumentos de expansão da historiografia, os relatos de viagens, diários pessoais, autobiografias e livros de memórias, produzidos por mulheres novecentistas, renasceram aos olhos da literatura, renovando as percepções em relação às histórias de vida de mulheres viajantes, que fizeram da letra a reescrita dos momentos vividos com nova caligrafia. Estudá-las permitiu-nos perceber o quanto do passado pode ser espiado no presente materializado em folhas de papel. Escritos que estão ali para serem investigados e esmiuçados, sem nos esquecermos que relatam experiências pessoais e íntimas de pessoas que ao escreverem de si, antes de tudo, buscaram perpetuar a memória na palavra grafada. Dessa forma, a relevância de pesquisas sobre mulheres viajantes e seus relatos está no fato de que estudando-os conseguimos tirar essas histórias do interior das narrativas masculinas, em que aparecem sobrepostas aos escritos estruturados como páginas prontas. Assim, é oferecido a elas a possibilidade de apresentarem as suas próprias histórias, pontos de vista e formas de compreensão de mundo. Esse material nos mostra que as mulheres assumiram formas diferentes de viver e de conviver nas situações adversas, fazendo de suas vidas um enredo cujas protagonistas eram elas. Ao longo da pesquisa encontramos uma quantidade expressiva de “mulheres viajantes”, que atravessaram o oceano movidas por sentimentos distintos e conflitantes e que registraram seus movimentos. Seus deslocamentos se revelaram mais do que situações particulares

na ampliação de horizontes físicos. Ao atravessarem os oceanos, essas mulheres foram determinantes para a ocupação de novos continentes, posse e povoamento dos territórios além-mar, assim como na interiorização e consolidação territorial.

Portanto, literaturas de viagem nos possibilitam perceber o quanto as relações de gênero estão implicadas diretamente nas relações de poder, e que são relações assimétricas e organizadas através de representações desiguais. Como síntese, esse olhar evidenciou para o campo da pesquisa histórica que busca “[...] rejeitar explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para as diversas formas de subordinação feminina” (SCOTT, J. W. 2002, p 07). Por outro lado, revelou o grau de subordinação, dominação e violência impresso às comunidades indígenas do Mato Grosso. Situação percebida quando Maria do Carmo narra a história da adoção e da morte do filho índio Bororo adotivo, pautada na perspectiva de civilização do europeu que classificava os indígenas como seres inferiores, portanto sujeitos à dominação em meio a domesticação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BURKE, P. **A arte da conversação**. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

CHARTIER, R. **A Aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo Carmelo Correia de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Editora UNESP, 1998.

CUNHA, T.C. in: PINSKY C.B., LUCA T.R (Orgs). **Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, M. T. S. Do coração à caneta: cartas e diários pessoais nas teias do divino (décadas de 60 a 70 do século XX). In. **História: Questões e debates**. Curitiba: Editora UFPR, n. 59, p.115-142, jul./dez, 2013.

FABRE, D. **Écritures ordinaires**. 6ª ed. Paris: P. O. L., 1993.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **A palavra e as coisas**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, ed.8, 2000.

FRANCO, S. M. **Peregrinas de outrora**. Florianópolis: Mulheres, 2009.

GALETTI, L. da S. G. **Sertão, fronteira, Brasil: imagens do Mato Grosso no mapa da civilização**. Cuiabá: EDUFMT/Entrelinhas, 2012.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. 2ª ed. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HUNT, L. **A invenção dos direitos humanos: uma história**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

- LACERDA, L. **Álbum de leitura: memórias de vida, história de leitoras**. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.
- LEITE, M. L. M. Mulheres viajantes no século XIX. In: **Caderno Pagu** - Núcleo de estudos de gênero, Campinas: Editora da UNICAMP, n.15, p.129-143, 2000.
- _____. **Livros de Viagens**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.
- LEJEUNE, P. **El pacto autobiográfico y otros estudios**. Trad. Ana Torrent. Madrid: Megazul-Endymion, 1994.
- MALATIAN, T. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, C.; LUCA, T. R. (Orgs). **O historiador e suas fontes**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- OLIVEIRA, J. P. de. O retrato de um menino Bororo: narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus, séculos XIX e XXI. **Tempo**, v.12, n.23, p.73-99, 2007. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a06.pdf>. Acesso em: 03/2011.
- PERROT, M. (Org.). **A história da vida privada: da Revolução Francesa à primeira guerra**. Coleção A História da Vida Privada, v. 4, São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.
- REGO, M. do C. M. **Guido: páginas de dor**. Rio de Janeiro: Typografia Leuzinger, 1895a.
- _____. A <<Bororo>>. (Episódios Verdadeiros). **Revista Brasileira**, primeiro ano, abril a junho de 1895b., tomo II, pp. 193.196.
- RICŒUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012a.
- _____. **Tempo e narrativa: a configuração do tempo na narrativa de ficção**. Trad. Marcia Valéria Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, v. 3, 2012b.
- SCOTT, J. W. **A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem**. Trad. Elvio Antônio Funck. Florianópolis: Mulheres, 2002.
- TELLES, M. A. de A. **Breve História do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- TELLES, N. **Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil**. São Paulo: Intermeios, 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 31, 33, 41, 43, 71, 73, 75, 76, 84, 93, 99, 102, 103, 108, 117, 121, 122, 140, 142, 144, 156, 166, 167, 173, 227, 240, 245, 300, 325
Águas medicinais 308, 309, 310, 311, 323
Amazônia 4, 44, 73, 78, 80, 81, 82, 100, 101, 242, 245, 249, 267, 269, 270, 272, 275, 280
Armada brasileira 127
Arthur bernardes 174, 175, 176, 177, 179, 180, 182, 183, 184
Assistência materno-infantil 161

B

Biografia 185, 189, 190, 191, 192, 193, 267, 279

C

Ciência agrônômica 99
Cinema 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294
Companhia das índias ocidentais 14, 15, 25
Companhia geral do grão-Pará e Maranhão 31, 32, 44, 45
Conflitos 5, 6, 7, 10, 18, 24, 46, 51, 53, 54, 82, 156, 157, 159, 213, 235, 242, 250, 268, 270, 289, 295, 296, 298, 304
Conselho geral de província 60, 62, 63, 69
Crítica 52, 53, 110, 112, 193, 203, 216, 250, 252, 254, 255, 256, 257, 258, 263, 264, 265, 266, 277, 289
Cronistas brasileiros 195, 204
Cultura marítima 127

D

Debates ferroviários 114, 118
Direitos humanos 58, 176, 267, 268, 269, 270, 271, 273, 274, 275, 278, 279, 280, 292
Ditadura civil-militar 221, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 240, 242, 247, 248, 285, 296, 301
Drogas do sertão 31, 32, 41, 44, 76, 81

E

Elites políticas 71, 185
Empresários 123, 125, 186, 238, 242, 243, 246, 249, 250, 288
Engenharia e Política 114
Escravidão indígena 1, 8
Estado de sítio 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184
Estudos de gênero 59, 281

F

Feminismo 59, 267, 270, 271, 272, 279

Força pública 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 159, 160

G

Grupos de esquerda 210, 217

Guerra do Paraguai 84, 88, 89, 91, 96, 97, 98, 129, 137

H

História oral 185, 188, 189, 191, 193, 278, 279, 280, 297, 307, 308, 309, 322, 323

I

Império do Brasil 70, 77, 84, 85, 86, 96, 108

Imprensa 12, 29, 45, 48, 54, 58, 84, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 138, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 150, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 189, 209, 245, 249, 251, 254, 260, 268, 294

J

Jornal Correio 138, 141, 142, 143, 144, 145, 146

Juventude operária 210, 211, 212, 213, 214, 215, 221, 222, 223

L

Literatura 14, 15, 46, 48, 49, 50, 56, 57, 87, 150, 151, 175, 195, 205, 252, 253, 255, 259, 264, 265, 289

Literatura de viagens 46

M

Maçonaria 224, 225, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237

Marinha brasileira 127, 130, 133

Memória social 308, 309, 323

Militarização 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 158

Movimento social 295, 296, 297, 300

Mulheres viajantes 46, 47, 48, 50, 56, 57, 59

Música 25, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 220

N

Narrativas 35, 46, 47, 50, 52, 53, 57, 59, 138, 141, 142, 191, 241, 261, 278, 281, 309

P

Paulo Emílio Salles Gomes 252, 253, 259

Pirataria 14, 15, 16, 17, 18, 25, 29, 227

Política 33, 45, 60, 61, 63, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 80, 82, 84, 86, 87, 88, 89, 98, 106, 111, 112, 114, 115, 121, 122, 124, 125, 126, 138, 141, 142, 143, 149, 151, 153, 154, 159, 160, 161, 164, 166, 174, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 201, 202,

204, 210, 211, 215, 217, 218, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 234, 235, 236, 239, 242, 245, 246, 248,
249, 250, 259, 267, 268, 270, 271, 272, 273, 275, 277, 278, 281, 286, 287, 288, 290, 294, 297, 325
Posse de terras 298, 299, 300, 304, 306
Primeira república 126, 127, 148, 149, 150, 153, 154, 158, 159, 161, 162, 165, 171, 172, 174,
175, 176, 178, 180, 182, 183, 193, 197
Província do Amazonas 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82

S

Saúde pública 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 321
Sexicomedias 281, 282
Sociedade agrícola 99, 100, 101, 103, 104, 111

 **Atena**
Editora

2 0 2 0